



Chegando ao 18º número como revista que tem contribuído significativamente para o reconhecimento institucional do campo da arte, *Concinnitas* continua aprimorando sua forma de cumprir os requisitos acadêmico-científicos sem deixar de ser espaço público de reflexões e discordâncias, o que nem sempre se identifica e compreende com facilidade, dadas as contradições implícitas na definição do campo.

A democratização das pesquisas em arte vem sendo preocupação constante desta editoria, e, para tanto, desde que a publicação se tornou também virtual, vimos disponibilizando na *web* seus arquivos tanto para leitura como para impressão. Acreditamos poder assim alcançar público mais amplo e diversificado. Passamos agora por mais uma transformação: estamos informatizando o processo de colaboração e avaliação de artigos, resenhas e entrevistas, visando tornar *Concinnitas* mais acessível e ágil, permitindo a seus colaboradores e leitores maior participação crítica. Esperamos continuar recebendo o apoio que temos tido até então.

Esse é, sem dúvida, trabalho contínuo e persistente. Assim é que desde dezembro de 2010, quando o TrAIN: Research Centre for Transnational Art, Identity and Nation, da Universidade de Artes de Londres, e o Departamento de Teoria e História da Arte da Universidade de Essex realizaram a conferência que concluía o processo de pesquisa *Meeting Margins: Arte Transnacional na América Latina e Europa, 1950-1978*, estivemos em contato com o professor Michael Asbury para publicar as conclusões da conferência que acontecia naquela ocasião.

Dessa maneira, o projeto – que envolve Valerie Fraser e Maria Iñigo Clavo, de Essex, e Michael Asbury e Isobel Whitelegg, do TrAIN – é hoje objeto do dossiê organizado especialmente pelos pesquisadores para este número da revista. Pela primeira vez publicamos um dossiê bilíngue, já que acreditamos que as reflexões aprofundadas sobre a relação entre a arte latino-americana e europeia ali desenvolvidas sejam de interesse tanto de pesquisadores das universidades inglesas quanto do público brasileiro, sobretudo dos professores e alunos do Instituto de Artes e do Programa de Pós-graduação em Artes da Uerj, que editam esta publicação. A proposta de pesquisa histórica certamente encontrará ressonância entre os grupos de investigação brasileiros, podendo abrir novas perspectivas de diálogos entre pesquisadores e instituições. Agradecemos ao professor Asbury, membro do conselho editorial de *Concinnitas*, a especial dedicação e o empenho na elaboração do dossiê.

Atravessar continentes, navegar nos mares do mundo, transpor e narrar o inenarrável em arte é o que nos oferece Rosana Ricalde em seu ensaio de artista, grande chance de maravilhamento no profundo azul de seus mares e mundos. Nossa capa traz esses mares em nomes, que se repetem nas narrativas sem fim dos labirintos, dos poemas, da areia, das conchas e das estrelas. Uma oportunidade de entrar em contato com seu universo poético, que soma formas de atravessamento e transbordamento, nos levando a refletir sobre o alcance da palavra e da imagem. Somos infinitamente gratos por esse ensaio.

Também é com grande prazer que publicamos *Turbineville: shadow & frayer*, sobre a obra de Dominique Gonzalez-Foester, texto que a pesquisadora e curadora Lisette Lagnado revisou especialmente para *Concinnitas*; e *Escola pública da arte x escola da arte pública*, que Luiz Guilherme Vergara escreveu para este número.

Com igual contentamento divulgamos as contribuições dos pesquisadores Artur Freitas, Priscilla de Paula, Gil Vieira Costa, Tatiana Xerez e Denise Espírito Santo, e as resenhas de Marcelo Expósito, Gilton Monteiro, Isabel Carvalho e Larissa de Souza Carvalho. Por fim, mas também com alegria, reproduzimos a conversa de Theodor Adorno e Ernst Bloch: *Algo falta: uma discussão*, traduzida por Júlia Souza Cabo e revisada por Vera Lins, a quem também somos gratos pela dedicação e amizade.